



Tempo de feira

(crônicas)



Tempo de feira (crônicas)



Tempo de feira (crônicas)

Autores e autoras

Alice Maria Santos Costa
Alice Meneses dos Santos
Caroline de Andrade
Crislaine Santana Oliveira
Damares Vieira Santos
Elisângela Cristina Sales
Franciele Santos Andrade
Glenda Vieira Silva
Jamile Andrade dos Santos
Jennifer Azevêdo Barreto
Jocacia Santos Oliveira Silva
Kaline Ferro dos Santos
Laís Sena
Magnilson
Marcos Roberto
Maria Paula Raquel da Cunha Teles
Maria Renata Santos Ferreira
Rafaela Rosa
Raulina Andrade
Taislany dos Santos
Tiago Costa

Organização

Christina Ramalho
Éverton de Jesus Santos

Prefácio

Ítalo de Melo Ramalho

Natal/LucGraf

2019

Título Original: *Tempo de feira (crônicas)*

© Copyright 2019 by Christina Ramalho e Éverton Santos

Todos os direitos reservados. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do/a autor/a, título da obra, edição e paginação. A violação dos Direitos do Autor (Lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Autores e autoras

Alice Maria Santos Costa, Alice Meneses dos Santos, Carolaine de Andrade, Crislaine Santana Oliveira, Damares Vieira Santos, Elisângela Cristina Sales, Franciele Santos Andrade, Glenda Vieira Silva, Jamile Andrade dos Santos, Jennifer Azevêdo Barreto, Jocacia Santos Oliveira Silva, Kaline Ferro dos Santos, Laís Sena, Magnilson, Marcos Roberto, Maria Paula Raquel da Cunha Teles, Maria Renata Santos Ferreira, Rafaela Rosa, Raulina Andrade, Taislany dos Santos e Tiago Costa.

Ilustração da Capa: fotografias dos autores e das autoras

Ilustrações internas: fotografias dos autores e das autoras

Arte: Christina Ramalho

Revisão dos/as autores/as e organizadores

Diagramação: Christina Ramalho

Catálogo da Publicação na Fonte.

Fernando Antony Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

ficha catalográfica

S237t Santos, Éverton de Jesus.
Tempo de feira. / Éverton de Jesus Santos, Christina Ramalho. – 1.
ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019.
121 p.; eBook (pdf).

ISBN: 978-85-7134-017-6.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura – Crônicas. 3. Cultura nordestina – Feira. I. Ramalho, Christina. II. Título.

CDU 821.134.3(81)

CDD B869

CONSELHO EDITORIAL LUCGRAF VIRTUAL

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)

Prof. Dr. Fabio Mario da Silva (UNIFESSPA)

Profa. Dra. Maria Aparecida Fontes

(Università degli Studi di Padova – Itália)

Prof.a Dra. Marlene de Almeida Augusto de Souza (UFS)

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira (Colégio Pedro II)



SUMÁRIO

Festiva-feira – p. 13
Christina Ramalho e Éverton Santos

Prefácio – p. 19
Ítalo de Melo Ramalho

Crônicas

Alice Maria Santos Costa – p. 25
A feira e seus acontecimentos
A banca de queijo

Alice Meneses dos Santos – p. 29
De tudo o que se pensar!
Vida de feirante

Caroline de Andrade – p. 31
Tenho que comprar caju
Sábado é Dia de Feira

Crislaine Santana Oliveira – p. 37
Dia de Feira
Feira

Damares Vieira Santos – p. 43
A intrusa
O bordado das memórias

Elisângela Cristina Sales – p. 47
Poesia
Amendoim

Franciele Santos Andrade – p. 51
De goela abaixo
Sertaneja

Glenda Vieira Silva – p. 53

Solitários ou não

A arte e a feira

Jamile Andrade dos Santos – p. 55

Diversidade típica de feira

Sobre as uvas

Jennifer Azevêdo Barreto – p. 59

Comércio de rua

Feira

Jocacia Santos Oliveira Silva – p. 65

A feira de minha cidade

Aqueles cheiros

Kaline Ferro dos Santos – p. 69

Feira livre

Sendo turistas na própria cidade

Laís Sena – p. 73

Em busca de um sentido

Talvez seja o destino

Magnilson – p. 83

O vulto, o foco

Meio de feira

Marcos Roberto – p. 89

A feira desmancha tudo

O ex-estranho e as laranjas

Maria Paula Raquel da Cunha Teles – p. 95

O tumulto da feira

A feira é do feirante

Maria Renata Santos Ferreira – p. 99

Feira de Ribeirópolis

Final de feira

Rafaela Rosa – p. 105
Cosmo particular
Poesia em todo canto

Raulina Andrade – p. 109
Ave Maria!
Bolsa de palha

Taislany dos Santos – p. 113
Guerreira
As belezuras

Tiago Costa – p. 117
A grande feira
Melhor feira



Festiva-feira

Feira não é festa, mas é evento; é comércio e também cultura; é compra-venda-troca, mas não deixa de ser passeio. Feira é sinestesia: cheiros, cores, sons, gostos, toques. É povo em todo canto, num indo-e-vindo às vezes vertiginoso, sob chuva ou sol, não importa o dia. Pensando bem, feira é festa sim, e cada vez que o bloco das barracas está na rua mobiliza as pessoas para fazer girar a máquina da produção e do consumo (mas essa é outra discussão), se bem que a máquina que nos chama a atenção na feira é outra, a da vida.

A feira em si é um organismo que se nutre da vida que nela passa. As pessoas são como o sangue que circula pelas veias, que são as ruas, e que passam pelas barracas e lojas, que são os órgãos, e que abastecem o corpo, que é o comércio. Mas as pessoas também são o coração da feira, não importa a função, porque estar lá já é fazê-la pulsar. O dinheiro, por sua vez, pode-se dizer que é o ar necessário à fotossíntese, pois, de uma forma ou de outra, estar na feira é pôr a mão no bolso, seja para vender ou comprar.

Além disso, feira é vida porque movimento, seja dos que arrumam e desarrumam (os primeiros a chegar, os últimos a sair) as bancas; seja dos que, para vender, chamam e atendem os fregueses; ou dos que, para comprar, escolhem e pechinham; ou

ainda dos que estão apenas de passagem, acompanhando, olhando, porque só olhar não paga. Há também os que pedem, mendigando; os que varrem e recolhem os restos; os animais que perambulam. Há tantos tipos na feira quantos são os que lá vão e estão, porque o que conta nesse ambiente é a participação, a vivência. Estar na feira é ser feira, é tornar-se com ela. Tanto isso é verdade que todo mundo que já foi a uma leva dela uma lembrança, especialmente se o foi na infância. A feira marca a vida sendo vida.

Também se pode perguntar: na feira, é mais importante o que dela você leva ou o que nela vai buscar? Porque, por exemplo, andar na feira procurando inspiração para compor crônicas é tão válido quanto ir lá fazer as compras do mês. Sim, pois algo sempre se leva, mas também se deixa, mesmo quando não envolve dinheiro que passa de mão em mão em troca de um produto. E, além disso, contemplar não somente pelo polo positivo – como o das memórias afetivas, o das sensações, o da variedade de coisas expostas etc. – é algo que se ganha por ser para além da feira. Abrindo um parêntese, gostaríamos de dizer que feira é como carnaval: gente no espaço público convivendo sem hierarquias ou preocupações, mas não é bem assim, uma vez que se vê muito frequentemente gente que tem, gente que acha que tem e gente que claramente não tem. E, claro, entre umas e outras, a feira – que não é carnaval. Mas é festa porque vida.

Logo, saber ler a feira é mais do que vê-la, e aqui reunimos espectadores que colheram *in loco* um fruto que a feira não lhes vendeu, mas deu: a inspiração. Seja registrando como fotografias escritas aquilo que era despertado no momento da visitação, seja traduzindo recordações que se passaram na feira ou que a ela remetem, ler e escrever a feira é reconhecer-lhe o estatuto de organismo, como acima dissemos. E esse organismo merece atenção por fazer parte da sociedade e da cultura; do individual e do coletivo; do pobre e do rico; do passeio e da obrigação. Degustar, cheirar, ouvir, tocar, ver a feira é, nesse âmbito, senti-la e vivê-la, é tomá-la como manifestação do humano, para o humano, e trazemos o resultado dessas experiências em crônicas que dão corpo ao que se vive no tempo-espaço que é a festiva-feira.

Para concluir, uma menção breve aos antecedentes do livro, que nasceu de uma experiência acadêmica universitária, realizada no Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana, de outubro de 2018 a março de 2019. Falamos, especificamente, da disciplina optativa intitulada “Experiência de Criação Literária”, da qual participaram os/as cronistas aqui reunidos/as.

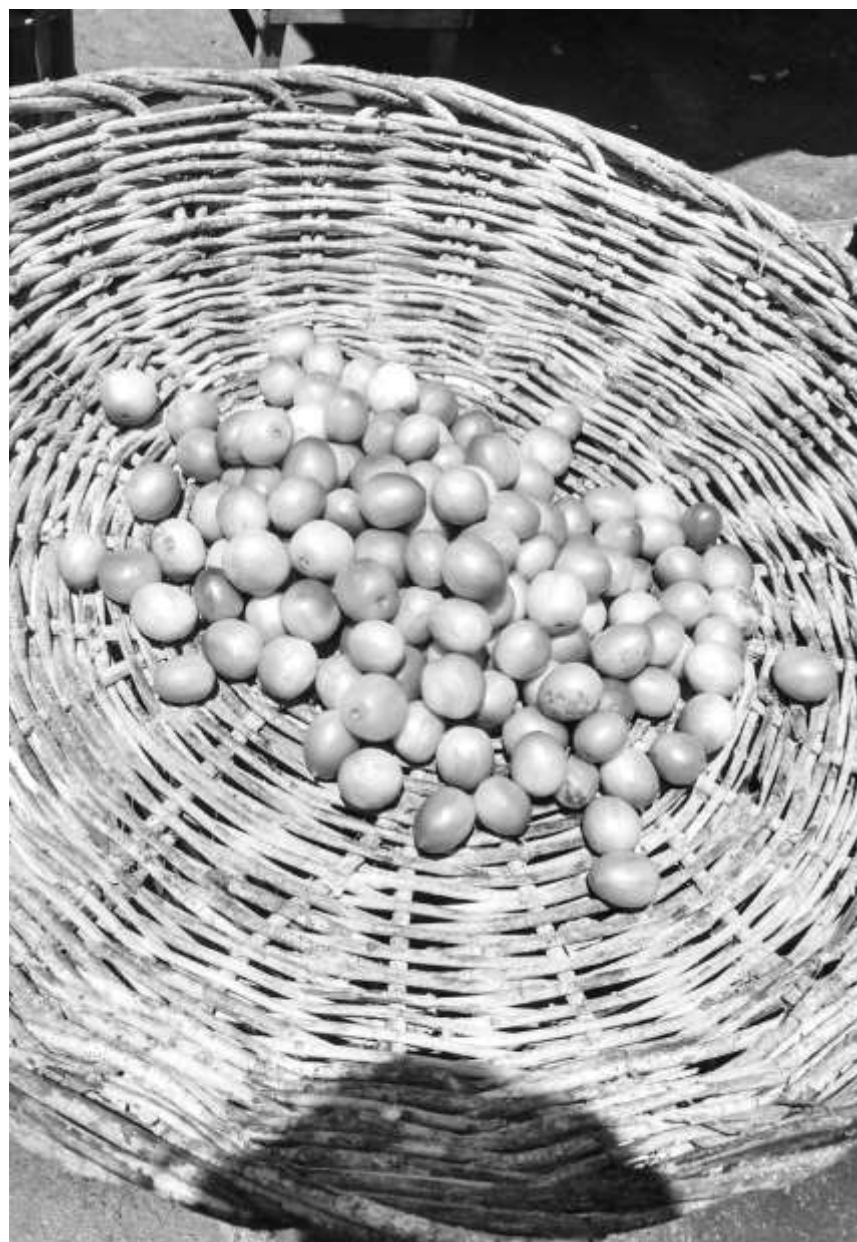
Não é raro, ao contrário, que estudantes de Letras costumem escrever poemas, contos e crônicas. Mesmo romancistas incipientes costumam se revelar durante a

graduação na área. Essa disciplina objetiva justamente isto: estimular o gosto pela criação literária, incrementando a produção de quem já escreve e convidando quem ainda não tentou a fazê-lo. Daí a um livro há uma distância boa. Afinal, a vivência da disciplina tem um caráter de oficina, em geral despreocupado com a produção de uma obra literária como fruto ou produto final.

No entanto, o que a vivência trouxe foi um surpreendente encontro entre pessoas com um nível prévio de envolvimento com a literatura, em suas mais diferentes expressões, bem mais intenso que o imaginado. Alguns e algumas já tinham publicado textos de sua autoria, outros e outras despertaram para esse tipo de escrita em um estalo, como se seus textos estivessem à beira de virem à tona.

Por isso, o resultado não só da produção de crônicas, mas também da de fotopoemas, poemas, contos e folhetos de cordel, igualmente surpreendeu. *Tempo de feira* é, portanto, o delicioso fruto de um encontro que extrapolou os adjetivos “acadêmico” e “universitário” para se tornar uma “festiva” oportunidade de ver o talento vivo e novo brotando em letras sergipanas. A leitura confirmará.

Christina Ramalho
Éverton Santos
Organizadores



Prefácio

Quando fui convidado para escrever o prefácio do livro *Tempo de feira* – organizado por Christina e Éverton –, fiquei atizado em querer saber que diabos de “tempo” e de “feira” eram esses que eu imaginava, mas não aquiesciam dentro do espectro temporal e espacial do meu senso (in)comum? O trabalho, portanto, teria que compor um olhar honesto com as imagens que se revelavam folha a folha do agreste sergipano e que me surpreendiam maravilhosamente bem. De forma que ali, naquelas serras, o cheiro do cru apresentava-se também como cozido. Pronto para degustar!

Ao debulhar caroço a caroço, escapava – da minha matemática particular – o que eram as feiras do interior de Sergipe, e o contexto que ainda não conhecia. Embora, mercadologicamente, as feiras sejam um lugar-comum, no tempo e no espaço, simbolicamente, elas são extremamente diferentes em suas peculiaridades imateriais. Cada elemento estrutural das feiras (vendedores, compradores, diletantes e curiosos) tem os seus ritos – e até seus mitos – dentro daquele teatro de sobrevivência. As feiras são como uma crosta na

sociedade. Algo com alto relevo (será que podemos pensar na feira com baixo relevo?) que termina por nos aproximar, pelo ritmo sonoro, visual, ético e estético, do mesmo pedaço.

Como cada cidade individual com sua superfície social, as feiras escorrem porque é impossível contê-la em alguidares! As feiras fluem porque o óleo das suas engrenagens é humano e animal. É a terrível beleza despida da grandeza e da miséria dos que permeiam as bancas. As feiras são o espírito do contrato, de trato e contato social. As feiras são as cidades e o seu sangue! A feira é a carne fresca dessa banca literária. Vamos à pechincha! Corrijo: vamos à leitura!

É óbvio que, afirmando o que cientificamente já sabemos, dois espaços não ocupam o mesmo corpo. Assim, os nossos feirantes libertaram a agulha da crônica para que ela saísse por aí, vadiando por onde quisesse e se sentisse bem nesse ambiente de troca de valores e promiscuidades.

Pronto! Em mãos, eu tinha a pedra mais bruta da respiração literária desses feirantes. E, por isso, de um só sopro, fiz o prefácio na intenção de despertar no/na provável leitor/a, a proximidade que a literatura do cotidiano, considerada por vezes menor e banal, tem com as realidades das nossas gentes.

Quanto ao valor literário do livro? Não nos enganemos! Em tempos de violência, física e simbólica, a feira pode ser – e será? – a arma mais letal de combate à mediocridade do espírito marsurpiano das trocas de mercadoria, dos afetos democráticos e das paridades libertárias. E termino por acrescentar a paridade literária para não perder a poesia!

Ítalo de Melo Ramalho

15.V.2019



Alice Maria Santos Costa

A feira e seus acontecimentos

Era uma tarde de sábado. O sol estava bastante forte, e por ali todos ao meu redor reclamavam do calor. Havia aquele vai e vem de gente, a gritaria dos vendedores, uns com pressa, outros com mais calma, para escolher suas mercadorias.

Eu apenas observava todo aquele movimento. Eu olhava para cada um, buscando, lá no fundo, o sentido de suas expressões. Observava como os vendedores tratam suas clientes. Uns são até “brutos”, não têm muita paciência, principalmente com os idosos, que olham bastante as frutas e verduras, até porque eles conhecem muito bem as boas, as ruins, as maduras e as verdes.

Resolvi parar para conversar um pouco com uma idosa que ali vendia verduras, e então ela me contou um pouco da sua rotina incrível. Dona Joelina (assim se chama a idosa) tinha uma vida mais corrida que muitos jovens e sequer reclamava do cansaço.

Conversa vai, conversa vem, chegou uma moça grávida, devia estar já com seus 8 meses de gestação. Percebi que ela estava muito cansada e que ali iria comprar algumas coisas. Ela pediu que eu a ajudasse com as sacolas, e, quando eu as pegava na mão, ela desmaiou em cima das verduras.

Eu e dona Joelina ficamos apavoradas e começamos a pedir ajuda. Poderia ser coincidência, ou Deus mandava um anjo naquele momento, pois a primeira pessoa a socorrer foi uma enfermeira que ia passando para o seu trabalho. Depois de uns cinco minutos, a grávida acordou, e a enfermeira afirmou que havia sido apenas uma queda de pressão. Não posso negar que fiquei muito preocupada, mas, graças a Deus, nada grave aconteceu.

Logo depois, fui à barraca de pastéis para terminar aquela tarde cheia de acontecimentos.

A banca de queijo

Certa manhã, em uma feira livre, ia eu com minha mãe fazer as compras da semana como de costume. Lá tínhamos uma amiga muito próxima que vendia queijo. Então, como era de costume, compramos frutas, verduras e carne e fomos à banca de queijo da Thays para batermos papo.

Depois de um certo tempo conversando, o marido de Thays percebeu algo estranho, um certo homem, que já rondava há um bom tempo por perto da gente, abaixou-se, vagorosamente, ao lado da outra banca e, com seu celular em mãos, começou a fotografar embaixo da saia da minha mãe!

Ao vermos aquela situação, ficamos todos revoltados com o certo homem. A mamãe, quando percebeu que ele tinha algum distúrbio mental, escondeu todas as facas que havia na banca, pois o marido da nossa amiga o agarrou pela camisa e dali partiria muita coisa se ninguém ajudasse.

Em meio a esses acontecidos, em que não prestávamos atenção aos queijos, veio um “ladrãozinho” e levou todo o queijo. Rir ou chorar? Eis a questão.

Alice Meneses dos Santos

De tudo o que se pensar!

Sábado à tarde, em um passeio à feira de Itabaiana, percebi o quão importante aquele evento é para a população. Há pessoas de diversos locais, culturas e estilos reunidas em um só lugar para vender ou comprar mercadorias, para passear ou simplesmente encontrar os amigos.

Mercadorias dos mais diferentes tipos em que se pensar: frutas, verduras e legumes, roupas, calçados e acessórios, artigos de cama, mesa, banho e utilidades para o lar, comidas feitas na hora, lanches e bebidas. Variedade e barulho são o que mais se vê, vendedores gritam para atrair a clientela e afirmam que é esse o segredo para vender seus produtos.

É um verdadeiro Shopping Center ao ar livre, com a vantagem de que o preço cabe muito melhor no bolso.

Vida de feirante

Acordar cedo e cair na estrada. Essa é a vida de tantas pessoas por aí. Certo dia, ao conversar com uma feirante e lhe perguntar como era sua rotina, me dei conta da importância que o trabalho dela e o de tantas outras pessoas têm no nosso dia a dia.

Elas saem de suas casas antes mesmo do raiar do sol para ganhar a vida e sustentar suas famílias, vendendo seus produtos, que nos são apresentados com todo o cuidado e carinho.

Passam o dia inteiro debaixo de sol e de chuva, cansadas, e ainda assim levam um sorriso no rosto. Não medem esforços ao chamar o cliente, um a um, para que analisem o produto com calma e garantam que estão levando para casa algo em que possam confiar.

Muitas pessoas nem dão o valor merecido àquelas que são responsáveis por fazer chegar até nós os produtos que utilizamos em nosso cotidiano.

Carolaine de Andrade

Tenho que comprar caju

Não entendo por que minha irmã me pede para vir à feira. Se no supermercado tivesse o que ela queria, eu estaria nesse momento em casa lendo, não aqui nesse sol com esse calor infernal. Não entendo por que a feira é tão desorganizada! Um monte de gente num empurra-empurra, os vendedores gritando para vender seus produtos, parecem verdadeiros animais num pasto em busca de comida. A feira não é nada civilizada!

Mas, claro, minha irmã tinha que me pedir para comprar caju, e o caju tinha que ter somente aqui. Não é porque ela está grávida que pode me pedir tudo, porém, graças a meu sobrinho que já amo, vim parar aqui. Agora tenho a missão de encontrar os cajus! Não sei nem por onde começar...

Vou entrando na feira e encontro um monte de barracas de roupas. Eu me pergunto se as pessoas usam essas roupas. Não faço a mínima ideia de como elas as provam. Tudo exposto! Eu me pergunto também se irei encontrar cajus no mesmo local em que se vendem roupas.

Vejo um mercado enorme e entro, pelo menos nele tenho sombra para ficar e procurar. Logo que entro, me arrependo, pois dou de cara com um monte de homens vendendo carne. Pelo amor de Deus. Que coisa horrível! Partes enormes de bois por toda parte. Que coisa nojenta! Depois disso acho que ficarei um tempo sem ingerir carne. Ando meio que correndo para sair logo do mercado, e enquanto isso os vendedores gritam, perguntando quantos quilos irei levar hoje. Finjo que não escuto e não respondo nada, jamais comeria essa carne.

Ao sair do mercado, enfim, vejo barracas de verduras. Agora só tenho que encontrar uma que venda esse fruto que está me saindo tão caro. Vejo uma barraca de frutas, mas não vejo nenhum caju nela. O vendedor é até bonito, tem cara até de inteligente. E, como dizem que quem tem boca vai a Roma, resolvo perguntar a ele.

– Moço, você vende caju?

– Ô moça, vender, eu vendo, mas hoje não tenho nenhum. Não está na época, só lá pra agosto, aí sim a senhorita ia ver essa feira aqui cheia de caju. Agora acho difícil de se encontrar.

– Obrigada!

Agora tudo complicou! Se o caju não está na época, vai ser mais difícil encontrar. Minha irmã tinha que desejar uma fruta que não está na sua época? Mas, já que estou aqui, não irei desistir.

Ando mais um pouco e encontro um senhor gritando:

– Olha o caju, fruto do cajueiro, meus fregueses, venham comprar que estou precisando do seu dinheiro.

Por um lado, a gritaria dele me ajudou a encontrá-lo mais facilmente. Contudo, ainda acho grosseira essa gritaria. E suas rimas são um pouco chulas. Além do mais, o fruto do cajueiro é a castanha, o caju é um pseudofruto, mas, se até eu chamo o caju de fruta, ele está perdoado. Uma outra coisa me vem à mente nesse instante: é que as pessoas chamam castanha de caju, mas, na verdade, o caju é que é da castanha, a castanha é do cajueiro. Enfim, compro essa bendita fruta para minha querida irmã e vou para casa.

Sábado é Dia de Feira

Hoje é sábado, dia de feira aqui em Itabaiana. Como de costume, eu que faço compras para minha casa, apesar dos vários supermercados e hortifrúti que há aqui na cidade, gosto mesmo é de ir à feira. É um pouco cansativo, mas eu gosto. Nos supermercados não se encontra tudo fresquinho como aqui, também não tem esse contato com as pessoas que produzem as mercadorias. Aqui muitos vendedores plantam suas verduras, e os que vendem carnes criam os animais que levam para o abate. Tudo aqui é diferenciado, sinto que os produtos são naturais.

As feiras são naturais, algo que foi criado há tanto tempo e que ainda faz parte da vida de milhões de pessoas pelo mundo. É muito interessante refletir sobre isso, pois é a feira o que mais se destaca em várias cidades! Cabe dizer que as cidades mais famosas do mundo foram construídas ao redor das feiras. Era nelas que o comércio era realizado desde a época do feudalismo.

O comércio é que fez o mundo se desenvolver. A vontade das pessoas de enriquecer foi o que moveu os povos portugueses a viajarem meses em busca de mercadorias na Índia, procurando outras terras para explorar e transformar seu país na maior potência do mundo medieval. E é também o comércio que move a cidade de Itabaiana, ou, melhor dizendo, é o comércio que move os itabaianenses e é na feira que muitos comerciantes começam.

Acredito que, por esse motivo, a teoria de Karl Marx não deu muito certo. As pessoas já nascem com o capitalismo na mente. Crescem querendo acumular riquezas, possuir muitos bens materiais. Não estou dizendo que todo o trabalho do sociólogo foi em vão, mas o motivo de ele não estar instalado no mundo é simplesmente que as pessoas deveriam mudar seus próprios pensamentos para que isso acontecesse. Claro que pensamos nas pessoas que passam fome, mas pensamos ainda mais em possuir dinheiro para frequentar os restaurantes mais caros da cidade. As pessoas são egoístas por natureza. Como dizem por aqui, “farinha pouca, meu pirão primeiro”.

É, Karl Marx, o senhor teria que ser Deus para mudar a mente das pessoas, e, se fosse Deus, teria que tirar o livre arbítrio delas. Mas, como isso não aconteceu, vamos nos conformar e esperar por boas atitudes. Acho que fui longe demais nos meus pensamentos... quase que passo da banca onde costume comprar minhas verduras!

Crislaine Santana Oliveira

Dia de feira

Hoje foi dia de feira. As coisas já não são mais como antes, é inegável. Vou pela necessidade de comprar o que é preciso, não por vadiagem mais.

Antes era só diversão; eu ia, acompanhava minha mãe; ela comprava, eu me preocupava em encontrar um vendedor de geladinho – quase sempre a escolha do dia era coco, embora danone e amendoim também aparecessem às vezes. Eu não me preocupava com nada, olhava, bisbilhotava tudo, aprendia como comprar as coisas – carne preta é ruim, aquelas com gordura amarela são nojentas, pimentão não pode ter fedor de mato, cenouras com cor forte são melhores que as pálidas, não podem ser murchas, como também pimentões, laranjas e mangas; batatinha, a batata inglesa, não deve ser muito manchada; a batata doce não pode ser furada; a macaxeira e o inhame amarelados por dentro são velhos, branquinhos são melhores e

têm mais chances de cozinhar sem ficarem duros, ou “virarem vela”, como dizia minha mãe. Uma das melhores partes, sem dúvida, era comprar doces: eu escolhia entre um bolo, uma torta, balas, biscoitinhos caseiros amanteigados com cobertura de açúcar, coxinha ou pastel... E tinha o fim da feira, quando comprávamos bolsas de picolés – a 20 centavos, depois a 25, depois a 50, por fim a 1 real e 1,50... O melhor era devorar tudo, claro.

Além disso, eu gostava particularmente de olhar as pessoas: todas diferentes, tanta diversidade de pessoas de modos e aparências tão diferentes. Mais tarde, tomei ciência de que, além de moradores dos povoados da cidade, pessoas de várias outras cidades, e povoados delas, vinham para a feira semanal em meu município, que era uma espécie de eixo da região, o qual era visitado por pessoas das cidades vizinhas, menores e um pouco menos desenvolvidas. A abundância de cores, cheiros e estilos era fascinante.

E as bugigangas? Era massa olhar as bugigangas, a variedade de mercadorias para as mais diversas necessidades das pessoas, dos animais e da casa. Tinha tudo; pelo menos, é o que eu pensava. Quando fiquei mais velha, as roupas passaram a me atrair. Antigamente, de todo modo, a feira era um local onde não se encontrava muita qualidade nas roupas, não era exatamente como se você adorasse as opções que tinha, na

maior parte das vezes. Depois, contudo, com o desenvolvimento da cidade também, a qualidade e a variedade aumentaram muito, sendo que um marco nas vendas foi sem dúvida a possibilidade que veio a ser oferecida de podermos comprar com cartões de crédito, coisa recente.

Hoje, entretanto, eu vou à feira e ainda me deslumbro com roupas, bolsas e quinquilharias que há para vender, mas sobretudo tenho de pensar com serenidade se aquilo é realmente necessário e/ou se eu posso comprar. Sobretudo eu vejo mulheres (e homens, às vezes) com crianças nos braços ou mãos pedindo; velhos e doentes, mendigando o pão, sentados eles todos no chão da rua ou da calçada, por vezes circulando. Eu vejo comerciantes gritando, ou em silêncio, aguardando clientes para poderem sobreviver, buscando garantir o seu sustento. Vejo pessoas, muitas pessoas, decidindo pelas melhores frutas, ou pelas melhores ofertas. O suor de seus corpos revelando o esforço de andar, decidir, carregar o peso das bolsas. Mulheres e homens, jovens e velhos, circulando por lá, cumprindo suas obrigações, como formigas espalhadas.

Feira

Hoje eu acordei cedo, pulei da cama e fui fazer a feira da semana. Aqui em casa é assim: as compras feitas na feira ocorrem todas as semanas, para sempre ter verduras, frutas, carne, queijo e farinha fresquinhos – um bom sergipano não fica sem farinha em casa; e um sergipano que se preze sabe muito bem que a farinha ainda quentinha é mil vezes superior à farinha assada há muitos dias. Não nos opomos aqui em casa a quem compra tudo de uma vez, uma vez ao mês, porém não é nosso estilo. É mais prático, bem menos cansativo, de fato. Na verdade, se existir um troço mais enjoado que ir à feira, ainda não me foi apresentado. Beijo, me liga.

O calor é sempre insuportável, a multidão fede ou te esmaga em alguns trechos, é um falatório sem parar, que não acaba nunca...! E aquele burburinho que, se você prestar atenção, parece mais um processador de fruta em plena execução? Sem dúvida, ótimo.

Mas o importante é que temos pelo menos alimentos frescos, vemos as novidades em roupas, cama, mesa e banho, cosméticos, sandálias, bolsas, acessórios e os mais variados itens que se possa precisar em casa. Encontramos algumas pessoas de quem gostamos – e infelizmente aquelas que não queríamos ver

de jeito nenhum, mas não temos escolha, porque estão lá em algum lugar: se não no mercado de carne, mas lá próximo às jacas ou às bananas. Vemos, de vez em quando, também uns tipos diferentes, como um “índio” descalço, usando cocar e saia de palha por sobre um short de pano molinho e de elástico na cintura. Ele diz que vende remédios para curar qualquer mal, e as pessoas se juntam ao redor de sua banca como urubus na carniça ou distribuição de coisa grátis. As vezes vemos mulheres baixinhas que incrivelmente não são anãs, ou homens tão altos que nos admiramos. Gente bem vestida e gente banguela, todos juntos.

Por tudo isso, é que quase – quase – vale a pena de fato ir.

A intrusa

Planejei todos os meus compromissos da semana. De segunda à sexta, eu tinha tarefas a serem cumpridas. Só não contava com a intromissão dela. Ela veio de mansinho, silenciosa e arteira. De início, senti uns leves espirros, nada que atrapalhasse o meu dia, porém, com a chegada do fim da tarde do domingo, os espirros ficaram mais fortes e tive calafrios. Tomei um café quente e fui dormir.

Na segunda, o relógio despertou às seis horas. Levantei e já não conseguia respirar direito. O nariz entupido somou-se a mais espirros e calafrios. Como é de praxe, preparei o meu café da manhã e de imediato não senti o maravilhoso cheiro do café coado, o gosto nem se fala: passou por longe. Fui trabalhar e não rendi nada. Os espirros e a coriza juntaram-se à dor de cabeça. Então piorei de vez. O dia terminou, mas ela insistia em me acompanhar a noite toda. Agora junto com suas amigas febre e tosse, a madrugada foi longa.

Na terça, eu já não conseguia levantar da cama por causa dela, então cancelei todos os meus compromissos. Fiquei de cama o dia inteiro na saga dos remédios e dos chás. Da quarta até a quinta, também não trabalhei. Estava ocupada com essa brincadeira chata que ela estava fazendo comigo. Foram horas de torturas, muitos remédios, chás e, claro, cama. Porém, na sexta, melhorei, e ela foi embora. Ufa! Ainda bem, porque não aguentava mais essa gripe.

O bordado das memórias

Em um sábado ensolarado, estava passeando na feira livre e me deparei com uma barra em que se vendiam linhas e agulhas. Logo me perguntei: como, em pleno século XXI, ainda existiam barracas que vendem linhas e agulhas? Pensava eu que as roupas já eram descartáveis.

Olhei minuciosamente as linhas e admirei a beleza contida nas vastas opções de cores e tamanhos. Cada linha é pertencente a um determinado tecido, bordado e estilo, e as cores entram em consonância com esses aspectos. As agulhas, por sua vez, impressionam pelos diversos tamanhos, de minúscula a enorme, cada uma na sua especificidade. Mas o que mais chamou a minha atenção foi que esses objetos recordaram a minha infância e me fizeram lembrar dela, aquela que com a sua arte de bordar vendia tecidos para sua sobrevivência.

Ela era minha avó, que me fazia acordar às 6h em plenas férias, além de pedir “a bença” e tomar café.

Aquela que me levava às feiras junto com ela para vender seus panos de crochê.

Aquela que tinha os melhores geladinhos que tomávamos todinhos.

Aquela que tinha um cheirinho doce de groselha.

Ela se chamava Tereza.

Tereza era a mistura de doçura com leveza.

De braveza com gentileza.

Tereza era, antes de tudo, uma fortaleza.

Tereza, vovó que não está mais entre nós, mas que permanecerá para sempre em minha voz e na minha memória.

Tereza, Tereza, amor em grandeza.

Elisangela Cristina Sales

Poesia

Em um sábado ensolarado, visitei a maior feira do sertão sergipano, com um objetivo diferente dos tantos sábados em que lá vou na condição de consumidora. Nesse sábado, fui buscar poesia e a encontrei. Encontrei poesia no olhar da criança que pedia picolé e ganhou; no sorriso do vendedor quando convenceu o comprador; no bordado artesanal que todos elogiam; no moço do amendoim que risonho dizia:

— Chega aí, chega aí, freguesia!

No abraço de comadres que há muito não se viam. Sim! Tudo isso é poesia.

Na senhora que vendia ovos de galinha na calçada da esquina; no ceguinho esmolando na porta da padaria.

No homem humilde da roça com seu quilo de feijão e farinha para o sustento da família. Sim! Tudo isso é poesia.

No menino maltrapilho levando o frete da madame, ele poderia estar brincando, mas a vida judia e o obriga a levar algum para sua moradia.

Num cachorro vira-lata, com seu corpo todo em sarna, sem destino como tantos humanos, se desviando, no entanto, dos olhares que o repudiam. Sim! Tudo isso é poesia.

Poesia de um povo visto como minoria, mas que sonha e deseja ser feliz um dia.

Amendoim

Nunca vi mercadoria mais desrespeitada na feira do que amendoim. Não sei na sua cidade, mas na minha é assim. Todo mundo pega uma “bajinha”.

Tem aquele educado que pede: “uma por favor pra eu ver se tá salgado”.

Tem o outro que mete a mão no saco perguntando o preço e diz: “tá caro!”

Tem também o moleque danado que pega um punhado e sai disparado.

Só sei que, no final do dia, seu Joãozinho não vendeu nadinha e vai para casa chateado. Perdeu seu tempo e não tem dinheiro para comprar nem seu cigarro. Eita, povinho abusado!

Franciele Santos Andrade

Sertaneja

O sábado é sem sombra de dúvidas um dos dias mais esperados para quem mora no interior. O agito da feira traz consigo personalidades peculiares do sertão. E, entre a multidão nas diversas barracas, eis que surge uma mulher, experiente e calejada pelo tempo, que levava com tanto equilíbrio uma penca de galinhas sobre suas costas e outra penca nas mãos. Era invejável aquela cena!

Por um momento, começo a refletir sobre o que estava vendo, e logo veio no pensamento que era daquela forma que deveríamos lidar com os problemas da vida: sem estagnar e seguir adiante mesmo com o desalento e desconforto de quem sofre calado.

De goela abaixo

Despretensiosamente chega o sábado, com suas agitações matinais. No vai e vem da população entre uma barraca e outra, lá vou eu me deparar com o vendedor de amendoim, então pergunto:

– Moço, posso tirar uma foto do amendoim?

Veja só o que ele entende e me responde:

– Moça, essa lata é de 3 reais, e essa outra de quatro reais, vai querer da qual?

Repito a pergunta, e o vendedor mal deixa eu terminar:

– Posso tirar uma...

– Pra você, faço por 2,50 a lata de 3,00 reais... bora levar?!, ele diz.

– Não, moço, não é isso! Eu quero tirar...

– Eu faço por 2,00 reais então, ele insiste.

– Então, tchau!, finalizo.

E assim desceu de goela abaixo a tentativa de fotografar o amendoim.

Glenda Vieira Silva

Solitários ou não

Poderia ser um dia de feira comum, mas não foi. Primeiro que já buscava algo que pudesse me prender. Buscava um sentido ali perdido nas frutas e nas pessoas. Logo de cara, assim que cheguei, percebi dois notórios cachorros, totalmente despercebidos por qualquer um que se encontrava naquele ambiente.

Tão à margem, tão ignorados.

Mas aqueles olhos pedintes, aqueles corpos magros, jogados no canto, mereciam ao menos um olhar, mereciam ao menos um afago. Estar ali parada observando era um pouco estranho. Diante do vem e vai incansável da multidão, em poucos minutos, já recebi mais olhares que os pobres cães.

De alguma forma eles faziam parte daquele local ou queriam a ele pertencer, mesmo que abandonados. E, mesmo com todo descaso, um cão tinha ao outro, e isso parecia que bastava. Será?

A arte e a feira

Percebi que a arte se mistura. Instala-se em lugares os mais inusitados. Ela simplesmente acontece. Seja na arrumação das frutas, dispostas para que o público escolha as mais formosas; seja nos diferentes rostos e gostos das pessoas que ali percorrem; até mesmo no circo da feira com suas bandeirolas balançando ao vento, mostrando que logo terá mais um espetáculo.

Jamile Andrade dos Santos

Diversidade típica de feira

Andando pela feira, percebo-me em meio a uma multidão. Vejo rostos cansados, tristes, pensativos e sorridentes. Acho que, neste dia, me encaixo no pensativo, porque tropecei três vezes e, na última, quase perdi o mindinho.

Sei lá, comecei a analisar essas várias pessoas que cruzavam o meu caminho: negros, brancos e pardos; andavam, apressados, comprando roupas, legumes, frutas, acessórios e tantas outras coisas. Reparei que aquela multidão era tão diversificada quanto a variedade de coisas que havia naquela e em qualquer outra feira.

Havia cachorros também. Deitados à beira de bancas de carne – magros e “calazentos” –, na esperança de serem presenteados com ossos ou sobras de carnes.

Uma mulher jogou um copinho de sorvete no chão. Olhei ao redor e reparei que não havia nenhuma, nenhuma lata de lixo sequer à vista. Que descaso! Mas isso não justifica a

atitude da moça (que deveria ter colocado o lixo na bolsa que trazia ao ombro ou levá-lo até encontrar uma lata em que se jogar).

De repente, me assustei com uma gritaria. Estava absorta, distraída (na minha mente fazia silêncio). Eram os feirantes anunciando seus produtos:

— Três mangas por 1 real! Promoção! Promoção! Dizia um.

— Roupas baratinhas! Tem de 20, tem de 30, tem de 40. Tem vestido, blusinhas e saias. Dizia outro.

Enfim, como se sabe, na feira tem de tudo. E eu era uma parte daquilo. Quem sabe não tinha ninguém me analisando também? Olhei para os lados, desconfiada. Não vi ninguém me encarando diretamente. Ufa. Resolvi fazer umas comprinhas. Afinal, quem sai da feira sem nada levar?

Sobre as uvas

Entre todas as frutas da barraca na feira – goiabas, bananas, abacaxis e mamões – as uvas se destacaram diante dos meus olhos. Talvez por serem minhas frutas favoritas ou por estarem com aparência tão boa. Ainda não sei.

Elas eram roxas, pequenas e suculentas. Roxas como todas as uvas roxas são ou ainda mais roxas – eram quase pretas; perfeitamente pequenas para serem colocadas na boca de uma vez só; inteiras e suculentas como uma boca rosada e desejável.

Sim! As uvas também lembram beijo, assim como podem lembrar embriaguez, porque remetem ao vinho, já que são a matéria para a bebida mais sedutora de todos os tempos. Quem faz um jantar romântico sem um bom vinho? O vinho é um estímulo ao amor, é a bebida dos deuses.

Também são as uvas que aparecem em representações egípcias, nas quais os faraós, cercados de mulheres bonitas, suas servas, estão em tronos, sendo servidos com cachos de uvas colocados diretamente em suas bocas. Sendo assim, as uvas também se apresentam como sinônimo de prazer, luxo e descanso, além de lembrar sedução.

Se você for a restaurantes de todo o mundo, irá encontrar em todo e qualquer lugar o vinho, produto da uva, e talvez por isso tão apetitoso quanto.

Quem não conhece o episódio em que Jesus, numa festa de casamento, transformou água em um excelente vinho, pois a festa não poderia continuar sem a bebida?

Enfim, há quem possa comparar a uva ainda com tantas outras coisas: pensando em seus cachos, cor e suculência, até mesmo o modo de chupá-las, dá para relacionar a um ato erótico. Mas detenhamo-nos por aqui. Deixemos isso para um poeta erótico.

Jennifer Azevêdo Barreto

Comércio de rua

Nos dias de quarta-feira e sábado, acontece a feira no município de Itabaiana-SE. É nesse comércio de rua que os feirantes buscam vender suas mercadorias e obter o sustento da família. Uma feira rica em variedades de legumes, verduras, roupas, carnes, óculos, etc., que atraem pessoas de todos os municípios vizinhos.

A capital do caminhão sempre se destaca das demais cidades em se tratando de feira livre. É um vai e vem de pessoas alegres, outras tristes, umas preocupadas, de fato é uma mistura de sentimentos semelhante às cores das mercadorias expostas nas bancas. Passeando pela rua da feira por volta das 14h, vê-se que a maioria das barracas ainda está cheia de frutas, legumes, verduras.

Os comerciantes gritam, divulgando os produtos, utilizando os melhores adjetivos para convencer as pessoas a comprá-los. Os feirantes reclamam que as vendas não estão boas para todos e que isso é resultado da crise financeira. Eles

relatam que às vezes passam o dia todo e só conseguem ganhar de 30 a 70 reais. Aqueles que trabalham vendendo comida obtêm prejuízos maiores, visto que qual dona ou dono de casa vai comprar um alimento com aparência feia? Pertencemos a uma sociedade que julga o que há por fora e não por dentro, esse julgamento acontece com os alimentos, já que a fruta ou o legume com aspecto maduro não são escolhidos, a preferência é pelos novos, sem machucados, sem manchas.

Conhecendo a feira livre de Itabaiana, encontramos de tudo um pouco. Há o poder da cura nas bancas de ervas medicinais. As bancas de moda, roupas, acessórios e sapatos, em que os vendedores aceitam os cartões como forma de pagamento, facilitando a vida dos clientes, marcando na nossa história uma evolução. Não podemos nos esquecer da comercialização das obras lindas que são criadas do barro, do gesso, da madeira, da palha, confeccionadas pelas mãos abençoadas dos artesãos. E no meio da feira há também diversos brinquedos, cobertas, mosquiteiros, redes e todos os tipos de alimentos para serem vendidos. Quem visitar Itabaiana-SE não pode perder a oportunidade de conhecer a tão famosa feira livre.

Feira

A feira de Ribeirópolis tradicionalmente acontece na segunda-feira. No domingo à tarde, as pessoas que passam pela rua da praça da Bandeira ou do mercado municipal de carne notam algumas bancas montadas, os caixotes com mercadorias sendo carregados pelos trabalhadores. Na madrugada, às 4 da manhã, os feirantes colocam as verduras, os legumes, as carnes, as roupas, os artesanatos etc. devidamente arrumados para comercializar.

Entre o mercado de carne e o supermercado Barreto, ficam as bancas que vendem camarões, peixes, galinhas e fígados. Dentro do mercado, os feirantes comercializam carnes de bois, carneiros, bodes, alguns comercializam queijos, requeijões, mel. Na praça da Bandeira, ficam as bancas com roupas, alumínio, comida caseira, entre outras coisas; na rua da antiga fábrica, as bancas de frutas etc.

Logo cedo, donas e donos de casa deslocam-se até a feira para comprar alimentos e abastecer a geladeira de comidas saudáveis. Quando chegam à feira, param de banca em banca, pesquisando os preços e olhando o estado dos legumes, frutas e verduras. Segundo algumas donas de casa, é necessário analisar bem, comprar alimentos bons e com o preço razoável, pois nem sempre aquela banca que está com o preço alto nas frutas e nos legumes possui uma mercadoria boa ou vice-versa.

Às 10h da manhã, nas bancas só ficam legumes, frutas, verduras em condições razoáveis, pois os melhores produtos acabam logo cedo, exceto naquelas bancas em que os feirantes não fazem uma boa divulgação. Algumas pessoas aproveitam para fazer as compras por volta das 15h, o famoso “churrio de feira”. Nesse horário, é fácil encontrar maçãs, cajus, bananas, entre outras coisas, com a aparência boa e no precinho que as donas de casa gostam e os feirantes, não.

Na feira, ouvimos relatos de que, na barraquinha de churros, as pessoas desejam que a vida seja doce igual ao recheio dos churros. Que os doces caseiros adocem as vidas nos dias de amargura. E, quando o calor piorar, é só se encostar perto da banca no lado da sombra e saborear os sorvetes e picolés que uma família bastante conhecida vende por lá. Para celebrar a vida superando os dias difíceis e não viver só em função do trabalho, é só comprar pedaços de carne, fígado e chamar os amigos para um belo churrasco. E não podemos esquecer as comparações das frutas, pois, quando o comerciante quer vender os maracujás e abacaxis, os comparam às pessoas que passam por ali, falando que as “frutas são cheirosas e bonitas semelhantes a quem vi”. Os adjetivos positivos e conselhos nunca faltam para um bom freguês conseguir.

É nessa venda do comércio de rua que trabalhadores conseguem dinheiro para sustentar a família. Eles enfrentam o calor infernal do dia e o relento da noite longe de casa. Muitas vezes não conseguem vender nada e voltam com pouco dinheiro para casa. Os feirantes de Ribeirópolis e outras regiões agarram-se à Fé e pedem sempre a Deus para que consigam vender suas mercadorias.

Jocacia Santos Oliveira Silva

A feira de minha cidade

Ruas movimentadas, pessoas apressadas, diversidade de objetos à venda, fusão de vozes e gritos, sol escaldante, feirantes gritando a todo vapor, assim é a feira de minha cidade, Nossa Senhora da Glória. A feira começa na sexta e termina no sábado, com um movimento sensorial e artístico por parte dos feirantes, com exuberantes frutas coloridas, espetaculares barracas sortidas com ervas medicinais, verduras, itens de todos os gêneros.

Tudo me chama a atenção! Fico perdida em volta da diversidade de objetos: brinquedos que trazem inebriantes recordações da minha infância na roça, tecidos coloridos que eternizam as lembranças de minha avó, cheiro de comidas caseiras que me transportam para encontros familiares...

Algo a mais me chamou a atenção na última visita à feira: a receptividade que os feirantes têm com os turistas. Aconteceu um fato engraçado, eu e minhas amigas fomos confundidas com turistas desbravando uma cultura diferente.

Ofereciam-nos frutas típicas da região, mostravam-nos a variedade dos produtos em suas barracas, perguntavam-nos de qual cidade éramos. Mas mesmo após desfazermos a confusão, eles continuaram nos tratando com a mesma receptividade e a paixão no olhar de quem ama o trabalho que faz.

Aqueles cheiros

Mãos frenéticas nos tachos, jogo de cintura, uma verdadeira operação de guerra para satisfazer ao cliente, que está em uma corrida contra o tempo para fazer todas as suas obrigações. Um vai e vem incessante, crianças que enlouquecem os seus responsáveis. Comerciantes buscando um lugar ao sol, gritos clamando por atenção, com um cardápio variado de sabores para as mágicas sensações do paladar, com o intuito de convencer as formiguinhas que adoram capturar aquelas pequenas porções misturadas em uma única massa, em um único recipiente. Aquele óleo quente e aquela massa feita na hora servem como combustão para os olhos dos curiosos. O que mais mexe com o sentimento é aquele aroma embriagante, com uma junção de cores ou não, que invade, sem pedir licença, as narinas. Nos turbilhões de aromas, cores, sensações, aqueles cheiros funcionam como uma porta mágica para as inerentes histórias da nossa memória.

Kaline Ferro dos Santos

Feira livre

Meus pés estavam direcionados à feira livre de Nossa Senhora da Glória. Eram passos apressados que se juntavam à multidão, e, diante de toda a cultura composta ali e da diversidade de coisas que eram vendidas, encontrei um índio que apresentava sua cultura. Ele não pesava sete arrobas e muito menos era preguiçoso.

Eu via em seus olhos o amor pela sua terra, pelo seu povo, e uma preocupação em mostrar a importância da conservação da sua cultura e da permanência da sua terra. E ao seu redor estavam vários curiosos que ficavam a observar. Seu canto ecoava pela feira e sua dança parecia um atrativo para os consumidores que ali passavam.

Fitei aquela cena e percebi que cada palavra dita, cada passo dado, cada canto que sua garganta emitia estavam todos englobados dentro da palavra “amor”. Não falo do amor ao níquel, e nem do valor que a madeira das árvores possui e muito

menos do amor à pedra preciosa que a terra venha a produzir, mas sim do verdadeiro amor por seu povo, sua terra e também sua cultura. Percebi que, além de resistentes, devemos ter ousadia de defender nossa cultura primária, a demarcação é um direito e nós devemos lutar por ela.

Sendo turistas na própria cidade

Naquele sábado, a feira de Nossa Senhora da Glória não parecia ser a mesma. Os raios de sol estavam mais intensos, e eu, acompanhada de duas amigas, seguia o percurso combinado para aquela ocasião. Nós nos direcionávamos a tudo aquilo que roubasse a nossa atenção.

Durante aquela manhã, cada objeto, fruta, planta ou tecido pareciam trazer um novo significado. A partir de um novo olhar, pudemos enxergar o valor e a importância que cada objeto possui.

A feira não parecia ser mais um local público, e sim a nossa casa. Estávamos tão envolvidas naquela cultura e na diversidade que cada objeto parecia ser uma nova descoberta.

Sentimos de perto o carinho do povo gloriense, um povo receptivo e atencioso que sentia prazer em nos apresentar os objetos de suas barracas. Sentimos todo o amor envolvido no exercício da profissão de feirante.

Pensaram que éramos turistas, repórteres, apresentadoras, jornalistas, mas, na verdade, a nossa intenção era extrair de cada objeto palavras carregadas de significado e que juntas formassem uma frase poética. Elas não soavam como composição apenas no poema, mas, a cada verso criado, o poema nascia e florescia em nossos corações.

Laís Sena

Em busca de um sentido

Hoje, às seis horas da manhã, decidi sair de casa, procurando inspiração para escrever algo ou somente para me esquecer da escritora fracassada que sou. Saí andando pela rua sem destino algum, apenas com uma caderneta e um lápis no bolso da minha velha calça de moletom. Estava frio, parecia que iria chover, mas não me preocupei com isso.

Horas andando, deparei-me com uma feirinha que fica a uns dez ou doze quarteirões da minha barraquinha, de que desfruto sozinha de todo o seu conforto desconfortante.

A feira é pequena, estou a observá-la. Dei-me conta de que nunca tinha passado por ela, nunca comprei uma uva sequer aqui. Adentrando a feira, passando por uma e outra barraca, lá no meio tinha um senhorzinho gritando: "Olha o pastel quentinho com caldo de cana fresquinho". Fui em sua direção, pensei que poderia comprar o lanche para ser meu café da

manhã, mas em seguida cáí na real. Nem para isso eu tinha dinheiro. Mesmo assim continuei, puxei a cadeira e sentei debaixo da cobertura do trailer do senhor do pastel. Ele então olhou para mim, esperando sua única cliente até então fazer o pedido do sabor do pastel. Eu o encarei, e ele me perguntou, eu disse que nada queria além de descansar em sua cadeira. Ele não questionou, nem me expulsou.

Puxo o lápis e a caderneta que estavam em meu bolso, abro e vejo todas aquelas folhas em branco e me pergunto onde estão as minhas palavras perdidas, onde as perdi. Não tenho resposta. Não sei como me permitir chegar a essa decadência de não ter mais o que escrever. Tenho raiva de mim mesma por estar sendo inútil. Agora penso na situação em que cheguei, não tenho dinheiro nem para um lanche, nem para o pastel desse pobre senhor.

Mas também como posso ser tão boba de achar que conseguirei escrever numa feira barulhenta? Atrás de mim grita uma senhora parecendo uma louca: “Olha as verduras mais bonitas e mais baratas da feirinha”. Não era um grito de divulgação! Ela estava a gritar com um sentimento que não sei dizer qual. Levanto-me e caminho em direção à sua barraca, mas mal consigo enxergar a senhora novamente, pois uma fila enorme de pessoas se formou à sua frente.

Eu fico atrás de todas essas pessoas que estão tocando nas verduras, pegando tomates, balançando os maracujás e apertando as maçãs para ver se são mesmo de boa qualidade.

Não entendo o que estou fazendo na fila, pois sei que não tenho nenhuma condição de comprar absolutamente nada, mas algo despertou em mim ao ouvir o grito da senhora.

Chegou a minha vez, paralisei.

— Pois não, senhora? O que deseja levar hoje para saborear? Só tenho belezuras saudáveis.

Olhei profundamente nos olhos dela, tinha algo, senti algo. Mas, para despistá-la que não ia comprar nada, eu disse que estava tentando me lembrar do que estava faltando. E puxei conversa:

— A senhora vende aqui há muito tempo?

— Sim, querida, desde criancinha acompanhava meus pais quando vinham vender, nessa mesma ferinha aqui. É isso o que eu sempre fiz.

Acho que realmente comecei a perceber o que tinha de diferente no grito, na voz, na fala dessa senhora. Ela começou a ajeitar as verduras de uma forma tão delicada, bem cautelosa e ao mesmo tempo carinhosa. Eu realmente percebi.

— Então, senhora, se lembrou do que ainda não tem?

Então eu respondi:

— Lembrei, falta em mim ter todo esse seu amor pela profissão.

Talvez seja o destino

Acabei de acordar! Estou toda descabelada e com fome, mas tenho que cumprir a promessa que fiz à minha mãe, fazer as compras para nossa ceia de Natal. Ester, minha irmã mais nova, irá comigo, afinal preciso de alguém para me ajudar a carregar as sacolas.

Não sou muito fã de fazer compras, principalmente se for para comprar comida, sei lá, gosto de tudo já preparado aqui em casa e não de ter que ir em busca de alimento por alimento, tempero por tempero, para preparar uma comida qualquer, principalmente a de hoje, a da ceia de Natal. Não levo jeito para cozinhar. Da maioria dos temperos não sei nem os nomes. Minha mãe implica muito com isso, porque ela sempre fez de tudo para me ensinar a cozinhar, e não me interessei, não dou importância. Gosto mesmo é de cantar, queria investir nisso, mas minha mãe sempre diz: “Liz, você só tem 19 anos, precisa estudar primeiro”. Eu não sei ao certo se quero o que ela quer, por enquanto não estou fazendo nada, terminei o ensino médio e não entrei para a faculdade. Mamãe agora pega no meu pé para procurar emprego, mas está difícil conseguir.

Pego a lista de compras que ela deixou em cima do balcão da cozinha, com a seguinte observação: “Querida, apenas

o peru compre no supermercado. O restante vá na feirinha que fica naquela avenida onde sua ex professora morava. Lá é tudo bem mais em conta”. Inacreditável isso, além de fazer compras, tenho que comprar na rua. Mas nada posso fazer, sou obrigada. Que Natal empolgante!

Saio de casa com Ester, estamos indo a pé. Percebo que ela está toda empolgada, não sei com o quê. Ela disse que adora fazer compras, adora como os feirantes vendem as frutas, seus legumes e cereais, seu olho brilha encantado só de falar. Eu pergunto:

— Como assim? Como eles vendem?

Ester ri debochadamente de mim:

— Ô irmãzinha, nunca foi à feira, não é? Ao chegarmos lá, você verá!

Eu nada respondi, mas percebi que ela estava alegre.

Depois de uns 30 minutos andando, chegamos à avenida onde supostamente é a bendita feira. Ainda estávamos um pouco distantes, precisávamos andar mais. Quando finalmente chegamos, parei em frente, sem acreditar no que estava vendo. Ester me cutuca, perguntando:

— E aí, mana, é do jeito que imaginava?

Não dei ouvidos à pergunta dela. Fiquei parada igual a uma estátua e só observando. Estávamos ainda no início da

feira, um corredor cheio de pessoas, de cada lado havia várias barracas. Já estava ficando tonta. Uma multidão, pessoas empurrando umas às outras. Um barulho tremendo, muita gritaria. Eu não conseguia nem enxergar direito o que tinha para vender nas primeiras barracas. As pessoas estavam praticamente em cima delas, como aquele ditado popular: “Igual urubu na carniça”.

Ester me puxa pelo braço, perguntando se estava com medo de entrar na feira. Eu nada disse, ainda estava em estado de choque. Mais adiante, avistei as batatas e cenouras que mamãe pediu e aponto na direção delas, chamando a atenção de Ester. Eu já estava tonta de tanto barulho. Quando chegamos próximo às verduras, antes que Ester falasse algo, a senhora da venda grita: “Olha a cenoura mais barata da feira, é linda e combina na sua ceia”. Ester cai na gargalhada, e eu quase caio, literalmente. Achei desnecessário essa senhora gritar, já que nós duas estávamos em frente à sua banca.

— Moças bonitas, irão levar o quê hoje? Aproveitem que o precinho está ótimo.

Minha irmã pega a lista da minha bolsa e diz o que iria comprar. Eu só pego o dinheiro e o entrego à mulher. Saímos carregando as sacolas. Íamos finalmente em direção ao supermercado para comprar o peru, quando de repente esbarro em uma mulher e derrubo sua sacola com feijão.

— Peço mil desculpas, senhora.

— Tudo bem, garota, só me ajude a pegar os feijões que caíram da bolsa.

Faço um gesto educadamente com meu rosto, um sorrisinho de leve e me abaixo para ajudá-la. Ai que ótimo pegar feijão no chão, era só o que me faltava.

A mulher me agradeceu e foi embora. Ester não parava de rir de mim.

Finalmente, quando estávamos saindo da feira, já na última barraca, nos deparamos com um senhor entregando panfletos e, claro, gritando também: “Quem quer ganhar dinheiro em duas feiras? Olha, gente, o ganho é bom, tá?”. Quando passamos por ele, seu braço se estendeu em nossa direção para nos dar o panfleto. Eu o pego e não dou muita importância em lê-lo. Ester, para variar, puxa assunto com o homem e pergunta como é que funcionava. Eu a puxei pelo braço, mas não teve jeito, ele começou a falar sem parar.

— Olhem, garotinhas, eu vou viajar com minha família nessas duas próximas semanas e não tenho ninguém que vender para mim. Não posso ficar sem vender por duas semanas, senão a renda cai e muito. Por isso estou disposto a pagar a alguém para vender minhas frutas nas duas próximas feiras. Gostei de vocês duas, parecem-me muito simpáticas e alegres e acho que...

Meu Deus, ele não para mais de falar. Ester olhou para ele e depois para mim, e assim sucessivamente. E com o seu tom de deboche disse:

— Ah, claro que somos simpáticas, e alegres, sem nenhuma dúvida minha irmã é, não é mesmo, Liz?

Eu, fingindo costume, solto uma risada irônica e confirmo a fala de Ester. Mas meu pensamento está dizendo: “Me respeita que eu sou sua irmã mais velha, apenas um ano, mas sou”.

— Minhas lindas jovens, venham conhecer minha venda. Vocês vão gostar.

Ester puxa-me pelo braço, dizendo “Vamos!”. Eu fui, não teve jeito. O senhor começou a mostrar como arrumava as frutas, o preço de cada uma e como as vendia. Eu até que achei bonitinhas as frutas arrumadas. Ele disse que um empregado dele faria todo o serviço de carregá-las para a feira e que quem ele contratasse só teria que arrumá-las na banca e vendê-las. Eu não parava de observar minha irmã, os olhos dela brilhavam enquanto ele tocava as frutas, de tão empolgada que ficou, colocou até um avental e começou a gritar.

— Olha os morangos fresquinhos e docinhos.

Eu absolutamente com vergonha mandei Ester calar a boca e a apressei para irmos embora. O senhor, de nome Túlio, ficou entusiasmado com a atitude de Ester e disse:

— Olha só, essa tem jeito para a coisa.

Ela riu euforicamente. Seu Túlio veio rindo em minha direção, todo alegre, com um avental em mãos, pedindo que eu o colocasse que era a minha vez de ser testada na entrevista.

Achei-o muito engraçado por isso, mas recusei. É óbvio que não vou trabalhar vendendo frutas.

— Eu não levo jeito, disse.

— Não custa nada tentar, linda jovem. Grite bem alto: “Olha a maçã, quem comprar quatro ganha uma”.

Achei isso vergonhoso e disse:

— Não, não, seu Túlio, desculpa.

— Vamos, minha jovem, você precisa se aventurar na vida, ela exige isso de você. Só são dois dias de feira. Você vai gostar, além disso, prometo que pago muito bem.

Ester olha para mim, com uns olhos de um gatinho quando está com fome, arregalados e lacrimejando. Com as mãos juntas próximo a seu queixo, ela insiste:

— Por favor, Liz, nunca te pedi nada. Aceita, vai. Tenho certeza de que mamãe irá deixar.

Comovida com o pedido dela, pego o avental que seu Túlio ainda apontava para mim. Sem certeza do que estava fazendo, eu o coloco. Pego uma maçã e grito do jeito que seu Túlio ensinou. Até que não foi tão ruim ou vergonhoso assim.

Não sei como será essa louca aventura, mas espero me lembrar de voltar para casa e com o peru em mãos.

Magnilson

O vulto, o foco

Quem o vê ali, atirado ao chão como um pedregulho, poderia confundi-lo com frutas podres e ossos, que anseiam pela indigência canina. Esse ícone da feira perambula por entre o organizado caos dos negócios como quem vaga à procura de emprego. Cai aqui e acolá e conversa com amigos invisíveis. É o indivíduo mais solitário a quem já conheci.

Enquanto o analiso, percebo que o homem do boteco é de poucas palavras, parece desconfiado da minha pessoa, certamente não tenho perfil de quem frequenta o local. Seu rosto árido e seu sorriso morto denunciam isso. Ele percebe minha observação trêmula. Nossos olhos se esbarram, amuados. Nasce uma batalha de selvagens, tal como dois universitários, brigando para ver quem detém a absoluta razão... Desvio o campo de visão.... Um indivíduo passa murmurando com outro sobre meritocracia.... Indignado, dou um gole nessa substância soberba.... Por consequência, toda a chama da fúria se destila no meu baço. Volto a minha atenção ao miserável.

É nada mais que um saco de lavagem perdido em meio às misturas de odores, que bebe da lama para matar a sede. Parece estar sempre perdido e disperso como um desses zumbis das redes sociais. Já o vi tantas vezes deitado sobre o luxo das barracas e cantarolando coisas incompreensíveis sob o sol. Já quis convidá-lo para beber e ouvir suas histórias. Quis tantas outras vezes sentir, como ele, o delírio de ser gente...

Por distração me interesso pelo cachimbo do senhor da venda ao lado, de fato um objeto antiquado como eu. Peço-lhe o artefato para tirar uma foto. Ele não consente. – Não! No meu cachimbo só toca eu! – Mas, meu senhor, não irei tocar... é somente uma foto. – Não! Ele é só meu! Sem dúvida, um possessivo. No entanto, compreendo-o muito bem, pois aquele objeto é para ele um companheiro de reflexões nalgum terreiro dessas regiões. E o que é dele é dele, e eu sou eu, e licuri é um coco, como já diziam os antigos.

Entre uma ou outra coisa absurda, meus olhos reencontram a pobre imagem trêmula. E a feira se põe sobre os restos. Os homens e suas classes esvaem-se desse lugar de contradições tão irmãs, por entre as alamedas neoliberais. Na esquina, o nosso país roda a bolsinha. E ele vaga tonto, colhendo sua refeição. E não há sequer uma mão invisível que se estenda para aquela figura indistinta.

Ele se recolhe à sua abundante morada. Eu me despeço do camarada do boteco com um olhar de trégua, cessando nossa guerra fria. O senhorzinho e seu cachimbo me rejeitam mais uma vez. Vou embora com meu baço prejudicado e algumas reflexões.

As cores, as lutas, a putrefação e as vitaminas dormem sobre as calçadas maltratadas, onde, logo que surgem os primeiros ecos nas vozes dos ambulantes, são tomadas por molambos desesperados. E ele estará sempre lá, rogando pelas sementes e por uma dose de delírio.

Meio de feira

Esse lugar se parece com o meu peito. Sua bagunçada beleza, que tão bem preserva as raízes medievais, é uma explosão de sentimentos. Tudo é brutal aqui. Há um homem enfurecido que corta a carne de um animal, fazendo garoar pigmentos de sangue sobre sua própria face. Há o cheiro agressivo embaixo das barracas, navegando pelos esgotos a céu aberto. Ratos, pássaros e cachorros comem finíssimos banquetes.

Um mundo de submundos aqui se esconde; os bordéis, os botecos, os restos. Não me interessam as frutas frescas, com o perfume do amor, mas os sucos sujos de beleza. O que é real. O suor dos vendedores, a cachaça pura e braba, a lama, o sangue dos animais escorrendo no chão infértil, a diversidade das vendas. E tudo parece um carnaval embaixo das lonas dos barracões; sob eles transitam os foliões do consumo. Produtos em agonia, diria uma moça comunista a quem namorei.

O amor e o negócio. Isso me lembra a moça da laranja. Esta sabe descascar a fruta perfeitamente, o que invejo, pois não sei descascá-la sem deixar ferida a sua pele. Mas confesso que o que mais me chama a atenção é a moça e seu jeito de movimentar a faca.... Ela faz contornos tão suaves e ligeiros....

Sem falar em como são belas as linhas dos seus dedos. Salvador Dalí apagaria o “enigma sem fim” só por causa dessa imprecisão confusa que eles têm. E aqui estou, romantizando as coisas.... Deveria eu, caríssimo leitor, apagar este parágrafo? O cliente tem sempre razão, diz um dos jargões próprio desse local.

De repente, sou massacrado por uma multidão aflita pela inflação, expondo seus olhos desesperados que procuram algo; o senhor das verduras, o cara do pastel, a dona das frutas, a senhora barateira.... E os donos do bloco, por sua vez, como galanteadores exímios os encantam.... É uma gritaria dos diabos! É uma pechincha descarada! Mas, como dizia meu avô, a feira é cria de malandro. No meio da feira, há confusões, ambiguidades e bugigangas. De fato, é um lugar de sentimentos exagerados. Uns vendem, outros gritam com megafones, suplicando que lhe comprem. Calado, vou embora me sentindo uma dessas mercadorias baratas. Tudo é brutal aqui. Tudo é demasiado, sob o meu olhar selvagem e humano.

Marcos Roberto

A feira desmancha tudo

Passam agiotas, bêbados, senhoras, crianças, católicos, umbandistas, evangélicos, mendigos de longa data, pessoas com feridas às vezes até expostas pedindo ajuda para custear o tratamento, mulheres curvilíneas e jovens em roupas curtas, repentistas cegos, todos com sacolas e alguns com sacolas e filhos. De longe, parecem viver uma paz combinada, mesmo num sol infernal. Nas bancas, ao comprarem o mesmo produto, trocam comentários sobre o tempo, as frutas, o futebol, sobre gostos musicais, os assaltos, o último assassinato noticiado. Pessoas que nunca se viram. Pessoas de todas as cidades e de todos os cantos da cidade, de povoados, de bairros.

Chega a ser engraçado como um garoto de ar descansado, e pesadamente rico, transita no meio de adolescentes gaiatos de roupas surradas e óculos novos, que esperam, dentro de suas carroças de madeira e cocho de geladeira, alguma pessoa com muitas compras lhes solicitarem

o serviço. Trabalho árduo esse de levar fretes. Passa o garoto, vai tomar um suco de laranja provavelmente ou talvez imprimir um documento. Estava quase todo de branco.

Talvez seja engraçado porque os que possuem uns papéis a mais no banco vão à feira pela madrugada, para evitar aperto, frutas excessivamente apalpadas e contato com gente sem papel nenhum no banco, e claro, para evitar o clima tórrido que se dá depois das 9 da manhã, o mais puro e ardente calor humano, pra ser sincero.

Passam radialistas, trombadinhas, traficantes, policiais, deputados, vereadores, comerciantes de lojas do centro, senhoras pedindo ajuda para receita de remédio, todos aderem nem que seja a uma pequena compra na feira, desde um mp3 com 10 bandas, ou um DVD que sempre sai antecipadamente nas bancas piratas (que berram desde os sucessos pop de atualmente até os viscerais e clássicos bregas da década de 70 a 90) ou aquela coxinha enorme de frango, por um preço ótimo, acompanhada de um suco bem gelado, dos inúmeros e coloridos carrinhos que circulam e algumas vezes arranham, com os parafusos dos eixos que sustentam a roda, as pernas de algumas pessoas eretas de meia-idade que andam olhando para frente demais, ou de jovens desleixados e distraídos em excesso no motim medieval que começa logo cedo.

O marchante que já terminou seu trabalho conversa perto de uma banca de roupas aos berros com um vendedor de artigos para fogões e cavalos, quando um professor de química passa no meio do tumulto seguido de um vendedor de sacolas de feira, as quais são vendidas para senhoras católicas cheirando a alfazema, que transitam com a sua edição mais recente do *Liturgia Diária* debaixo do braço, vindas elas da missa das sete, sacolas essas onde se colocam as frutas ainda pouco apalpadas pelas desembargadoras e pelos juízes que transitaram por ali cedo com os armadores de banca e descarregadores autônomos.

Enquanto bebo um suco de maracujá do último trailer ainda aberto, em outro começo de fim de tarde, em meio ao desarmar das bancas, a carroça passa por cima do pé de uma mulher de corpo roliço, rosto de toga e vermelho de raiva, colar de pérolas. O carroceiro pragueja um dito que não escutei bem, mas que parecia ofensivo pelo tom, ela retruca à meia voz e ao mesmo tempo que se distanciam, deixando o fato por isso mesmo. Ninguém tem tempo pra discutir, nem pra examinar a situação, mas o carroceiro parecia estar certo, é tudo uma mistura, você tem de estar atento.

O ex-estranho e as laranjas

Observando a bebida que pedi e o ar descontraído do vendedor, ele se aproximou e perguntou se eu estudava naquele colégio ainda, se eu ainda andava com aquela morena, com a qual ele sempre me via passando todo dia. Disse que não, que achava que não era eu a quem ele se referia, porque eu estudava em outro colégio. Ele aceitou a resposta e quis saber se eu tinha casado com ela, se eu já estava casado, disse que não também, e que de certeza devia ser outra pessoa, rimos um pouco, concordando em algumas frases clichês sobre o casamento em si. E a gente nem sabia o nome um do outro.

Acho que, se houvesse uma lei de como conversar com estranhos, a primeira seria escutar atentamente o que ele diz, como se fosse uma missa inesperada, uma revelação de segredos sem quê nem por quê. Eu o escutei como se fosse um pároco, e ele o pecador.

Enquanto termino um gole de marmeleiro, quente como o sol que fritava o plástico da barraca, acompanhado de um pedaço de laranja meio morno, numa feira de muita movimentação e frutas machucadas do apalpar dos fregueses, considerando que já eram umas três da tarde, ele me diz, como

se me conhecesse há uns cinco anos, que já foi casado e tem uma filha, mas ambas não moravam com ele, e que a mãe dele o ajuda a pagar pensão e que, se não fosse isso, ele nem sabia como ia ser. Ela estudava já e era bem inteligente. Ele não conseguia trabalho há um bom tempo, mas fazia um esforço para ajudá-la de alguma forma. A mulher dele era uma ótima pessoa, mas não queria viver ao lado dele, não ele daquela forma.

Concordamos num retorcer de bocas e menear de cabeças com lampejos de empatia sincera, ambos com os olhos baixos devido ao mormaço e ao álcool, união que derruba qualquer adicto que preza pelos bons costumes, e nos afastamos desconhecidamente.

O dono da barraca nos olhava sorrateiro, e, quando o percebo, ele disfarça e segue seu trabalho cortando um rolo de fumo lagartense médio e olhando ao redor. Termina a laranja, e um casal de mãos dadas pede licença, concedo, e penso em casamentos que deram errado porque os casais na verdade foram estranhos um ao outro o tempo todo, e isso, com quase toda a certeza, deve ter alguma coisa a ver também com metades e laranjas.

Maria Paula Raquel da Cunha Teles

O tumulto da Feira

Na feira, é assim: Seu Zé conversa com o freguês aqui, Dona Maria grita para chamar a clientela, a criança chora para ganhar um brinquedo, a dona de casa anda de banca em banca para garantir a melhor pechincha, os amigos conversam enquanto saboreiam o pastel de feira.

A feira é um mundo que suporta vários mundos. Tem o lugar das verduras, frutas e legumes; tem o espaço das carnes, as bancas de roupas, as barracas de lanches; tem o lugarzinho de brinquedos, do artesanato, e, no meio disso tudo, têm a conversa, as risadas, a pechincha e o barulho. Afinal, é feira!

Quer comprar coisas no precinho? Vá no final da tarde para a feira, pois é quando os feirantes, para não levarem mercadoria para casa, vendem tudo bem baratinho, do jeito que a clientela gosta. Dia de feira é dia de prostrar, passear, abastecer a geladeira com produtos fresquinhos e naturais.

A feira é do feirante

É curioso o desenvolver de uma feira. O feirante é sempre o primeiro a chegar e o último a sair. É com o seu suor que sustenta a família. Ele grita, usa bordões para oferecer seus produtos aos fregueses, aguenta o calor embaixo das grandes lonas, chega antes de o sol chegar e sai depois que a lua chega, e ainda tem que lidar com aqueles fregueses que adoram uma pechincha. É um “*Olha a banana, o tomate, o abacaxi*” pra lá, um “*Olha o alface, a cebola, a laranja*” pra cá.

Feira é um vai e vem de pessoas que, por vezes, desconhecem a luta por trás do dia de um feirante. Ele planta, colhe, viaja, madruga, depois vende seus produtos, faz aquele precinho sempre pensando em agradar à sua clientela.

Quem frequenta feiras por aí com certeza vai afirmar que o que todas as feiras têm em comum é a alegria dos feirantes. Afinal, o sorriso no rosto é o segredo para atrair o freguês, e eles sabem disso.

A feira é aquele lugar onde você sabe que tudo o que procurar vai encontrar. Feira é igual àquela gaveta do armário que de tudo tem um pouco. De brinquedos para crianças a

roupas, artesanato, frutas, legumes, hortaliças, etc. É também um lugar para reencontrar amigos, parentes que não vemos com frequência, e, quando isso acontece, lá se vão uns bons minutos de prosa. Falar de feira e não lembrar o pastel é algo impossível. Há quem vá até lá só para saborear aquele delicioso pastel de queijo com caldo de cana.

A feira é do feirante, do freguês, da vovó, das crianças, dos jovens. Enfim, a feira é um evento cultural, é o suor, a batalha e a alegria do povo brasileiro.

Maria Renata Santos Ferreira

Feira de Ribeirópolis

Quando era criança, todas as segundas-feiras pela manhã, costumava acordar bem cedinho para ir à feira da minha cidade com minha mãe. Era algo bem rotineiro, levantava, e, após o banho e o café da manhã, nós saíamos até a feira e sempre seguíamos o mesmo percurso.

Primeiro passávamos no mercado da carne, um local de que eu não gostava muito, pois aquele cheiro de carne fresca e sangrenta exposta no balcão embrulhava meu estômago.

Ao sair do mercado de carne em direção à feira das verduras, tínhamos que passar pela pior parte! “A feira dos fatos”, uma ruazinha que no começo tinha as bancas de frito, um local que parece um restaurante no meio da feira e ao qual as pessoas costumam ir até hoje tomar café da manhã e almoçar.

Ao lado desse local, havia as bancas das “fateiras”, que eram bancas em que se vendiam tripa, mocotó, buchada, miúdos

do boi e de outros animais. Em outras bancas vizinhas, vendiam-se peixes. Realmente não era um local de imagens e cheiros agradáveis para uma criança. Hoje em dia, contudo, vejo de forma natural. Já pensou se não existissem as bancas de vender miúdos? Quantas delícias regionais estaríamos perdendo de comer? Mas, naquela época, para mim, era um horror passar naquele local.

Descendo mais um pouco, entrávamos na feira das verduras, um local muito barulhento e movimentado. Era gente passando a todo instante, e minha mãe sempre de olho para que eu não me perdesse dela. Acho que ela me levava porque sabia que eu gostava de ir, mas sei que era trabalhoso fazer a feira na companhia de uma criança.

Então minha mãe comprava o necessário. Escolhia os tomates mais bonitos, as cebolas, o coentro, os pimentões, os quiabos e a pimenta do reino moída na hora, que só era possível comprar às segundas-feiras, pois, segundo minha mãe, se esquecesse esse ingrediente, ia passar a semana comendo uma comida “insossa”.

Após escolher o necessário, seguíamos para minha parte favorita da feira: as bancas das frutas! Era uma mistura de aromas e cores! Adorava aquele cheirinho de goiaba que se

misturava com o cheiro de maga rosa e do abacaxi, e em épocas de jaca nem se fala, dava água na boca! Adorava ver aquelas fatias de melancias enormes expostas nas bancas, aquele todo colorido das frutas me fascinava, e o local das bananas? Parecia que toda a rua era tomada por aquele amarelo delas.

Depois que minha mãe escolhia o que ia comprar, saíamos pelo lado da feira em que se vendem roupas. Era uma parte de que não tenho muitas recordações. Na maioria das vezes, só passávamos mesmo para cortar caminho até o rapaz que vendia picolé ou para comprar meu pastel de carne. E em seguida regressávamos para casa a pé, naquele sol escaldante da manhã, que dava a impressão de que a distância até nossa casa havia triplicado. Mas, mesmo assim, todas as segundas estava eu novamente a pedir para minha mãe deixar eu ir com ela fazer a feira.

Final de feira

Outro dia passei em frente à feira da minha cidade. Eram umas duas horas da tarde mais ou menos. A feira na verdade já tinha acabado, mas ainda havia algumas pessoas desmontando as bancas naquele sol escaldante do início da tarde, e outros guardavam o que sobrou da mercadoria nos vários carros estacionados para retornar para suas casas, já que pessoas de cidades vizinhas e até mesmo de cidades distantes se deslocam até aqui para ganhar o seu sustento. Pude observar que havia também muita sujeira no local. O lixo e o resto de alimento estragado se misturavam no chão

Havia homens, mulheres e também algumas crianças ajudando a carregar a mercadoria. Os homens, na maioria, carregavam caixas pesadas de legumes, enquanto as crianças ajudavam a separar os alimentos e desmontavam as bancas, algumas de madeira, outras de ferro, com as mulheres.

Aquela cena de final de feira me fez refletir sobre a importância do trabalho dessas pessoas para a manutenção das nossas vidas. É algo que, na maioria das vezes, deixamos passar despercebido na correria do dia a dia. Afinal, feira tem toda semana, não é mesmo? Aquela imagem realmente não saiu da minha cabeça!

Quando cheguei em casa, ao abrir a geladeira e pegar uma maçã para comer, me veio novamente aquela imagem daqueles trabalhadores que acordam cedo, enquanto toda a cidade dorme. Quase todos os dias, em cidades diferentes, para montar a feira com seu esforço e bom humor acima de tudo, que é a principal estratégia utilizada para driblar a concorrência e ganhar o freguês pelo carisma, para assim conseguir vender seu produto.

Definitivamente, tudo aquilo me serviu para que eu saísse da mecanização da rotina diária e passasse a observar o outro e agradecer pelo alimento.

Cosmo particular

Dizem que a feira livre é um local de cores e sons. Não estão errados. Seja na pechincha, no chamar o freguês pelo grito, na exposição das mercadorias sempre bem vistosas ou na relação vendedor-freguês que pode resultar em muitas conversas e risadas; o importante é que as feiras livres resistem à concorrência dos supermercados e seus códigos de barra.

Passando por qualquer feira livre, é possível encontrar qualquer uma dessas características. É interessante notar o envolvimento, geralmente, de toda a família do feirante na barraca na feira. E foi isso que me chamou a atenção. Não necessariamente de fato isso, mas um menininho, que supus ser filho do feirante, que estava brincando com seus carrinhos pelas ferragens que montam a barraca.

Aquela imagem ficou na minha cabeça. Em meio a tantas pessoas, em meio a um sol escaldante e a muito barulho, lá

estava a criança em seu mundo particular, alheia ao mundo real, só ela e seu brinquedo e nada mais. É incrível como essas coisinhas passam despercebidas, esses detalhes que fazem uma enorme diferença em nosso dia. A pureza da criança sempre me encantou, talvez porque quando a gente cresce é que descobrimos que a ansiedade por crescer é tolice.

Poesia em todo canto

A feira é poesia. Descubri isso ao parar e olhar para ela de verdade. Andamos correndo e cansados. A falta de tempo é o mal do século. Não vamos ao médico porque não temos tempo, mas, para ir à farmácia comprar remédio para uma dor de cabeça que nos visita todos os dias, temos tempo; não saímos com os amigos porque não temos tempo, mas, para ficar em casa maratonando séries, temos tempo. Dilemas da vida moderna.

Voltando ao foco, na verdade tudo que nos inspira e desperta nosso poder criativo é poesia. E a feira é cheia de poetas. Os feirantes fazem as rimas mais inusitadas para poder vender seu peixe. Rimam em alto e bom tom para chamar a atenção do freguês. E o freguês gosta, aprecia e vai ao encontro do feirante poeta. “Um é dois, três é cinco, produto bom garantido!”, eles gritam. A pechincha também rende rima.

Os cheiros, as cores, os sons, as pessoas como personagens, cada qual com sua particularidade, tudo isso faz da feira um lugar a ser descoberto e explorado pelas pessoas que passam depressa demais, não enxergando devagar o suficiente para ver que ali reside não só um comércio local, mas um arsenal de vidas e histórias.

Raulina Andrade

Ave Maria!

Era importante, muito mesmo. Era importante que uma por uma fosse tirada sem que nenhuma outra se mexesse. Todas elas emparelhadas sincronicamente, como se tivessem sido arquitetadas na medida exata, ornamentavam o fundo velho de um caminhão amarelo. O caminhão ficava na vertical do mercado e dando o que falar, os carregadores gritavam “Ave Maria!”, a minha sombra ali parada olhando a força animalesca daqueles homens que usavam tanta brutalidade, pareciam-me nem serem humanos. Sua barba enorme movimentava-se com o passar do vento, decorando todo aquele rosto cansado. E eles atrofiavam todo seu ego e o explodiam numa fúria tremenda: “Ave Maria!”. Suas mãos de reis faziam uns movimentos bruscos na borda do compartimento de madeira e o levantavam numa assinalada só, encostando-os nos ombros. Nesse momento, pude reparar em seus olhos e ver como são humanos: por trás daquele suor e cansaço, eu via um menino de doze anos que corria com seu caminhãozinho de lata por entre as ruínas de uma casa velha

ao sul da cidade e falava com todos os insetos “Eu serei rompedor das estradas, assim como as ondas que rompem todos os oceanos, serei como o falcão que rompe o nascer do sol e grita para toda a Serra ouvir, sou eu a República”, era a República da liberdade que habitava em seu peito e floria a alma num pequeno instante da sua vida.

Aqueles caixotes cheios de histórias, de tantas histórias, traziam consigo uma bagagem de luta em que o jargão da paz ficava incumbido e torturava as madrugadas com um “Ave Maria”, e mais torturante ainda no final da tarde – “Ave Maria!”. Dentro do meu peito, eu achava uma leve graça, eram todos unidos por um desejo de que tudo aquilo acabasse logo, mas eu me pegava no íntimo, pondo-me a carregar aqueles caixotes, doía-me a alma com seu peso e sua monotonia diária.

Bolsa de palha

Eu a coloquei em meu ombro!

Eu a pus em minhas mãos e logo no meu ombro. Abri o zíper e vi como era grande e espaçosa.

Coloquei-a no ombro, senti aquele entrançado manual dando-me um leve arrepio nas costelas. Imaginei as coisas que caberiam dentro dela e, por onde passasse, todos saberiam o lugar de onde a trouxe.

Eu a colocava em meu ombro!

Fixei os olhos nas trancinhas das suas alças, eram perfeitas!

De repente, senti tudo aquilo se desfazendo e, quando olhei à minha volta, um cachorro puxava minha calça, e a moça da banca dizia: “Pode pegar para experimentar, caso queira”.

Taislany dos Santos

Guerreira

Em se tratando da feira de Itabaiana, não poderia deixar de falar de uma pessoa incrivelmente maravilhosa e guerreira. Tenho profunda admiração, pois ela luta diariamente para obter o bem-estar das pessoas que estão à sua volta. Mulher de fibra, personalidade forte, coração grandioso, se sorrir demais, chora e, se estiver com raiva e brigar, chora também. Duas palavras que a definem bem são sensível e guerreira, assim como a flor mais graciosa do jardim de Deus.

Ela é feirante e agricultora. Vende na feira de Itabaiana há 12 anos. Quem a conhece faz logo amizade, pois ela sabe como cativar as pessoas para comprar seus produtos. Aos sábados, se você for à feira, a encontrará debaixo daquelas lonas que agora no verão causam um calor escaldante. Mas ela está lá lutando pelo seu sustento. Sai de casa às 21 horas da sexta-feira e só retorna às 19 horas do sábado, mas, mesmo estando cansada, não deixa de sorrir e brincar com seus clientes. Ah... como é maravilhoso tê-la por perto.

As palavras parecem sumir, não as encontro para falar dessa mulher, que é mãe, dona de casa, esposa, filha, amiga. Da feirante de que mais tenho orgulho, por ela ser quem é sempre, chego até a me emocionar por estar aqui diante do notebook, escrevendo sobre ela. Sinto-me um passarinho fora da gaiola a cantarolar.

A feira de Itabaiana é diversidade, cor, amor, alegria, é família... familiar!

Sabe quem é essa mulher que estou descrevendo, que as palavras somem ao falar dela? Sabe quem é essa mulher a quem chamo de guerreira? Pois lhe falarei quem ela é. Essa mulher incrivelmente maravilhosa e guerreira é minha mãe, meu amor, meu porto seguro, meu barco ancorado no meu coração. Sou filha de agricultores e feirantes, me orgulho de onde vim, não tenho vergonha e sou grata a Deus por ter me dado uma mãe assim, como águia que voa alto e ao retornar traz preso ao bico um presente para cada filho. Estou chorando de emoção. Não há como falar da feira de Itabaiana sem dedicar uma crônica exclusiva para minha feirante preferida.

Esta é apenas uma pequena homenagem que faço não somente para minha rainha, mas para todas as mulheres e homens que estão na feira lutando por uma vida melhor. Afinal, elas e eles merecem muito mais, mais e mais...

As belezuras

Em uma tarde de sábado do mês de dezembro de 2018, fui à magnífica feira de Itabaiana, rica em diversidades, personalidades e cores. Há pessoas de várias regiões próximas que vão em busca de seu sustento, cada uma com sua forma de chamar a atenção de seus clientes com seus diferentes objetos. A feira é rica em diversidade, pois tem de tudo um pouco. Diria que é um pedacinho do céu. Suas cores se contrastam, assim como o arco-íris em tempos chuvosos.

O calor estava de rachar a cuca, mas, mesmo assim, pude observar o sorriso aberto dos feirantes, a atenção e o carinho deles para conosco. Nas minhas andanças pela feira, conheci uma mulher de fibra, alegre, cativante, guerreira. Contou-me que há 12 anos atua na feira de Itabaiana e que já vendeu de tudo um pouco, atualmente vende roupas, que, por sinal, são lindas. Sua expressão de alegria constante fez-me pensar que, por mais que a luta diária seja árdua, temos que manter sempre um sorriso largo em nossa face e que nunca devemos desistir de nossos objetivos e sonhos. Tarde de experiência, calor humano, alegria, lutas e amor pelo que faz, construção de aprendizado para a vida.

A feira de Itabaiana nos faz viajar pela simplicidade que encontramos no olhar de cada pessoa que a compõe. É um mar de maravilhas, em que as ondas são as pessoas e a areia são os produtos que a nós são oferecidos.

As belezuras da feira nos cativam a ser cidadãos que lutam sempre pelo seu melhor, independentemente de profissão, de classe social. Elas nos transformam em pessoas melhores, capazes de valorizar ainda mais o suor de cada feirante.

Tiago Costa

A grande feira

Itabaiana-SE, que é conhecida nacional e internacionalmente por ser a capital do caminhão, a terra do ceboleiro, a terra do ouro, também é famosa por sua grandiosa feira livre e seus grandes comércios e comerciantes. A feira é responsável por expressiva parte da economia do município. Através dela, milhares de pessoas tiram o pão de cada dia, seja vendendo, comprando, trocando, pechinchando. A relação de comerciante-freguês facilita os negócios. Há uma grande diversidade em produtos, seja no setor alimentício, no comércio de lojas ou nos supermercados.

Além de produtos sofisticados, temos também os produtos mais simples e com variedades de opções, sejam eles na barraca de pastel tradicional ou no carrinho de churros – que são dois dos marcos da feira. Na feira, há frutas, verduras, legumes, roupas, barracas de ervas e produtos naturais, barracas de calçados, doces, comidas típicas, muitos carrinhos de entregadores de compras, moto-táxi. A localização da feira

permite a todos o acesso a muitas outras áreas que abrangem a feira, tipo farmácia, oficina mecânica, lojas de produtos agrícolas, lojas de móveis, tudo em torno da feira. Atualmente, a cidade é bem-sucedida e sempre é bem vista por investidores por sua tradição em fazer grandes negócios.

Melhor feira

A feira itabaianense é considerada uma das maiores feiras livres do Nordeste. De tudo um pouco se encontra lá.

Desde logo cedo (madrugada), já começa a grande movimentação de pessoas em busca de compra e venda de mercadorias. No comércio local, há uma grande expectativa de grandes vendas em todos os dias de feira.

Itabaiana tornou-se um dos principais centros de comércio, que fica em torno da feira, por isso há um grande aumento em vendas. Atende a toda região agreste e também exporta seus produtos para fora do estado, sendo hoje a cidade reconhecida por esse fator importantíssimo como referência para Sergipe. A feira ocorre às quartas-feiras e aos sábados.

A linguagem entre os feirantes para atender e atrair cada vez mais o freguês é marcada por ser carinhosa, de fácil entendimento e usar muitas metáforas. Feira linda, rica de sabores, cores, formas e conteúdos.

]]

Que a festiva feira de crônicas aqui apresentada tenha caráter profético e possa ter assinalado os primeiros passos de jovens cronistas sergipanos/as rumo à decisão de viver a escrita literária como alimento cotidiano. Um alimento generoso que tanto alimenta quem escreve como quem lê.

Christina e Éverton



Autores e autoras

Alice Maria Santos Costa
Alice Meneses dos Santos
Carolaine de Andrade
Crislaine Santana Oliveira
Damares Vieira Santos
Elisângela Cristina Sales
Franciele Santos Andrade
Glenda Vieira Silva
Jamile Andrade dos Santos
Jennifer Azevêdo Barreto
Jocacia Santos Oliveira Silva



Tempo de feira

(crônicas)



Kaline Ferro dos Santos
Laís Sena
Magnilson
Marcos Roberto
Maria Paula Raquel da Cunha Teles
Maria Renata Santos Ferreira
Rafaela Rosa
Raulina Andrade
Taislany dos Santos
Tiago Costa

Organização
Christina Ramalho e Éverton Santos

Lucgraf
EDITORA GRÁFICA

